

## PRÉ-MODERNISMO

---

Criado por Tristão de Ataíde (Alceu Amoroso Lima), o termo *Pré-Modernismo* deve ser entendido, consoante a definição de Alfredo Bosi, em dois sentidos, que nem sempre coincidem: "1.º) dando ao prefixo 'pré' uma conotação meramente temporal de anterioridade; 2.º) dando ao mesmo elemento um sentido forte de precedência temática e formal em relação à literatura modernista".<sup>62</sup> Tendo em vista simultaneamente esses dois aspectos, escolhemos para o presente capítulo poemas de dois autores que, a nosso ver, representam perfeitamente a fase pré-modernista no Ceará: Mário da Silveira e Leão de Vasconcelos.

### MÁRIO DA SILVEIRA

Nasceu em Fortaleza, no dia 17 de setembro de 1899, vindo a falecer em 22 de julho de 1921, assassinado na Praça do Ferreira. Trabalhou algum tempo na imprensa carioca (inclusive n' *A Pátria*, de João do Rio) mas, voltando ao Ceará, mergulhou de tal forma nas letras que chegou a negligenciar o lado prático da vida. Conseguiu porém invejável cultura, demonstrada pelas poucas conferências que proferiu. Publicou *No Silêncio da Noite* (1916); postumamente os amigos reuniram poemas e prosa em *Coroa de Rosas e de Espinhos* (1922), prefaciado por Antônio Sales.

#### OLHOS

*Olhos anadiomênicos e puros*

— *Funda eclosão de dores e de crenças* —

*Surgindo claros, ressurgindo escuros,  
Como as estrelas da amplidão suspensas.*

*Neles, ó Gnose, toda te condensas,  
E condensas passados e futuros  
Sonhos, na luz de lâmpadas intensas,  
Longe dos feios atascasais impuros.*

*Nada de fortes erupções, de anseios,  
De lampejos coléricos, medonhos,  
Nem de sirtes, de pegos, nem de abrolhos.*

*Olhos r epletos, olhos sempre cheios  
Do votivo esplendor dos grandes sonhos!  
Tu tens, decerto, o coração nos olhos!*

#### **COROA DE ROSAS E DE ESPINHOS**

##### **10.º**

*Sedenta de ódio, cega de despeito,  
Nesta penosa e transitória lida,  
A alma dos homens, pérfida e atrevida,  
Perde às cousas mais nobres o respeito.*

*Dizem: "Tudo o que sentes no teu peito  
Há de um dia passar, — porque na vida  
Tudo é incenso sutil, poeira diluída,  
O que é terreno é efêmero e imperfeito.*

*Um grande amor é como o resto... A gente  
Quando menos espera, logo sente  
Apagar-se o clarão da ignota chama."*

*Eu sei que tudo é como o fumo leve:  
Foge: mas, porque a vida seja breve,  
Há sempre um dia mais para quem ama.*

## LAUS PURISSIMAE

Ao Mediterrâneo, o grande mar sempre novo, como uma oferta à Beleza justa e insuperável, o meu canto novo.

### I

*Para louvar-te,  
Para dizer da tua Forma, eu deixo  
Minhas antigas bárbaras roupagens  
De grego jônico, e venho  
Como um dórico,  
Num metro novo,  
Numa nova expressão de arte quase intangível,  
Platonicamente serena  
(Que é o sonho louco dos mediterrâneos)  
Venho, repito,  
Para eterno ciúme dos Deuses,  
Anunciar a todos os estetas  
Que nem tudo se foi da Beleza-Perfeita;  
Que tu chegaste, ó minha Palas-Atenas,  
Ó Suma-Reveladora,  
Ó Quase-Fluida! Ó Leve! Ó Subjetiva!*

### II

*Que seja o mono-ritmo do Teu canto,  
Na sinfonia do meu plectro, o epinício  
Da essência espiritual das cousas,  
Imponderável e impenetrável,  
Impenetrável como harpa etérea  
Tangida pelas mãos de arcanjos bíblicos,  
— Harpa estranha em que se alam,  
Num desmaio de véus harmoniosos e claros,  
Numa oblata elegíaca,  
Numa canção misteriosa e lenta,  
Todos os desejos purificados,  
Todas as dores desconhecidas,*

*Todas as fortes alegrias,  
A Eucaristia do Fogo,  
A Bênção da Água,  
O Dever do Homem Novo  
E a sagração Augusta da Montanha!*

### III

*Ó Milagrosa, Ó Trimagista,  
Ó Toda Feita de Asas Tênuas  
(Peplos abertos no ar, longos braços abertos  
Para o recolhimento dos que sofrem!)  
Magnífica e excelsa,  
Sem cor, sem forma e sem nome,  
Tal se do Incorpóreo, um dia,  
(Um dia, não! que o tempo efêmero não sabe!)  
— Onda sonora — viesses,  
Misericordiosamente viesses  
Derramar sobre a minha cabeça  
Uma coroa de notas célicas!  
Ó Hermética!  
Tu só realizas  
O delicioso milagre de ser bela  
Na volúpia divina de ser justa!*

### IV

*Ó Incorrúptível e Única,  
Faze que a terra enferma do meu corpo  
Toda se apague:  
Faze que o ritmo estranho do meu verso  
Seja a grande Harmonia,  
Em que, de esfera a esfera,  
O Universo semelha uma nota perdida,  
E o homem, o Imperativo eterno do Universo;  
Faze que assim cheio de tua graça,  
Cheio do teu respeito,  
O joelho em terra, a face aberta, o ombro pendido,  
Olhos cerrados, ó Perfeita,*

*Para que sejas sempre inviolável,  
Eu te reacenda dentro dos meus olhos,  
E alçando as mãos votivas,  
Desfolhando rosas anêmicas, <sup>63</sup>  
Divinamente humano,  
A boca trêmula, murmure:*

LAUS PURISSIMAE!

(Mário da Silveira. **Coroa de Rosas e de Espinhos**. Fortaleza, Est. Gráfico A. C. Mendes, 1922, pp. 25; 18; 32-5.)

Mesmo nos sonetos, nada ou quase nada podemos vislumbrar de Parnasianismo: a dicção e o vocabulário do poeta já são bem diferentes do que é comum encontrar na poesia de seu tempo. Na verdade, talvez a classificação mais justa para Mário da Silveira fosse a de simbolista. Como, porém, inaugurara atitudes que marcarão a primeira fase do Modernismo no Ceará, preferimos chamá-lo de pré-modernista, mesmo porque não se pode esquecer, no plano nacional, o quanto deveram os primeiros modernistas aos derradeiros simbolistas. Mas o poeta aqui apresentado é acima de tudo um clássico, se isso não vai constituir paradoxo: como a poesia de Raul de Leoni, a sua é ao mesmo tempo clássica e renovadora. Os dois sonetos aqui transcritos tornaram-se antológicos: "Olhos", onde se verifica a cunhagem do vocábulo *anadiomênico*, oriundo de Anadiomene, um dos nomes da deusa Vênus, já revela a tendência racionalista do poeta, pela alusão à Gnose, ou seja, o saber por excelência, a ciência superior. No soneto 10.º da "Coroa de Rosas e de Espinhos", encontramos talvez seu melhor momento em poesia: é um daqueles sonetos que podemos chamar de perfeitos, pela harmoniosa distribuição do tema ao longo dos 14 versos; sente-se que, nele, nada sobra ou nada falta; note-se que, mesmo tratando de amor, o que ressalta é a serena elevação moral do poeta. Seu poema capital, todavia, é o "Laus Purissimae", pelo que veio trazer de inovação à poesia no Ceará: trata-se de poema

polimétrico, mas convém lembrar que alguns versos não seguem esquemas rígidos, sendo, portanto livres: *Numa expressão de arte quase intangível*, por exemplo, tem 10 sílabas, mas falta-lhe a acentuação dos decassílabos regulares, sáficos ou heróicos; a não ser que o consideremos um verso provençal, com ictos nas sílabas 4.<sup>a</sup> e 7.<sup>a</sup>; também não é regular o octassílabo *Platonicamente serena* nem o verso *Para o eterno ciúme dos Deuses*, que pode comportar várias medidas, dependendo dos hiatos; tampouco este outro, de 11 sílabas: *Que tu chegaste, ó minha Palas-Atenas*. Na 2.<sup>a</sup> estrofe há outro de 11 sílabas, mas com acentuação diversa: *Na sinfonia do meu plectro, o epinício*. Este, de 10 sílabas: *Todos os desejos purificados*. E não citamos todos os versos irregulares do poema. Tudo isso demonstra que o poeta já começava a libertar-se não somente do metro regular, mas também do poema polimétrico, por muitos erroneamente chamado de poema em verso livre. “*Laus Purissimae*”, com sua profusão de maiúsculas e sua espiritualidade platônica, em seu prenúncio de Modernismo, pende muito mais para o Simbolismo do que para outra qualquer estética. Quanto aos pontos de contacto entre o poeta cearense e o citado Raul de Leoni (e que assinalamos no ensaio “*Mário da Silveira e o Movimento Renovador da Poesia no Ceará*”, *O Povo*, 18.11.72, p. 17), podem ser melhor compreendidos com base nesta preciosa informação de Mário Linhares: “Conheci Mário da Silveira em 1919, quando regressava ele de um passeio ao Rio de Janeiro, onde se unira a Ronald de Carvalho, Raul de Leoni e outros, na campanha pelo renovamento das letras brasileiras.”<sup>64</sup> O que de maneira nenhuma diminuirá o valor do nosso poeta, legítimo renovador da poesia no Ceará e um dos seus maiores cultores.

### LEÃO DE VASCONCELOS

César Carneiro LEÃO DE VASCONCELOS — Nasceu em Fortaleza, no dia 17 de março de 1898, e faleceu no Rio de Janeiro, para onde logo se transferira, e onde se destacou na advocacia, chegando a Consultor Jurídico do Ministério

da Fazenda. Publicou: *Poemas Para Esquecer* (1919), *Ritmo Bárbaro* (1920), *Canto Novo do Meu Amor* (1921), *Tatuagens Sentimentais* (1925), *Nossa Senhora da Ausência* (1930), e *Caminho Sem Fim* (1957). Alguns livros tiveram várias edições, sendo traduzido o 4.º para o espanhol.

### IN SOLITUDINE

*Quando o jardim se ensombra e a noite desce,  
Deste fogo, que em vão julguei sepulto,  
Sinto que a extinta chama reaparece...  
E o incenso em espirais sobe a teu culto...*

*Desde que vi o teu sereno vulto  
Vivo assim, de mãos postas, numa prece!  
Mas enquanto por ti anseio e exulto,  
— Teu corpo — imenso lírio — alto, floresce...*

*Passaste em tua glória e não me viste.  
E hoje até mesmo do meu ser prescindindo  
Para rever-te o olhar sereno e triste.*

*E por te desejar numa ânsia louca,  
À noite sonho que tu vens sorrindo  
Povoar de beijos minha fria boca...*

### SOBRE UM PRELÚDIO DE CHOPIN

*Com teus dedos levíssimos e brancos,  
Dentro da tarde cismarenta e triste,  
O alvo teclado de marfim feriste!  
E um prelúdio velado, num queixume,  
Voou, leve e sutil, como o perfume  
Dos teus dedos levíssimos e brancos...  
Dir-se-ia a tarde, em tuas mãos, morrendo!*

*Ou que uma voz serena, em notas quérulas,  
Subia da alma azul das tuas pérolas,  
A contar, na doçura vespertina,  
A saudade da concha nacarina...  
Dir-se-ia a tarde, em tuas mãos, morrendo...*

*Nunca mais me esqueci desse prelúdio  
Que os teus pálidos dedos, levemente,  
Tiraram do teclado, amplo e silente,  
Numa ânsia comovida, num queixume...  
Levíssimo, dir-se-ia o teu perfume,  
Ou a tarde a morrer em tuas mãos...*

#### CANTO DO PEREGRINO

*“Para louvar-te  
Em versos de arte  
A estreme beleza,  
Vim de longe — ó Princesa!*

*Chegou no meu tugúrio a fama de teu nome!  
E eu parti, lira às mãos, ardendo em sede e fome,  
Para ver-te e contar a todos os mortais  
A beleza sem par de teus olhos fatais,  
Do teu perfil sereno de medalha,  
Do teu sorriso trêmulo e divino...  
Acolhe a prece, pois, do peregrino...*

*Vim de longe e parei ante a forte muralha  
Do teu castelo, o rosto exangue...  
Em sangue da jornada os pés, as mãos em sangue...  
E exposto ao vento e à chuva espero que apareça  
O sol para esfolhar sobre a tua cabeça  
As rosas que colhi no meu triste caminho,  
Deixando algo de mim em cada espinho*

*Por onde, só, passei, deslumbrado a cantar  
Atrás de uma quimera...*

*E, ó Princesa! já choram, a tua espera,  
Os meus olhos cansados de sonhar..."*

(Sales Campos. *A Poesia Cearense no Centenário*, cit., pp. 182, 185, 186-7.)

Transferindo-se muito cedo para o Rio de Janeiro, somente na então Capital da República, iria Leão de Vasconcelos produzir poemas onde apresentaria maior identidade com o movimento modernista. Ainda assim, seria citado por Agrippino Grieco entre aqueles que "põem emoções românticas em estrofes polirrítmicas, mostrando a mesma alma cativa de 1830 no versos livres de 1930." <sup>65</sup> Nos poemas que escolhemos para esta crestomatia, todos extraídos da antologia organizada por Sales Campos em 1922, cremos fundamentar nossa opinião segundo a qual é o poeta, no Ceará, representante dessa fase de transição que seria chamada de Pré-Modernismo: é que mesmo através do soneto já vamos presenciar uma dicção bem distante do rigor parnasiano, aproximando-se muito mais do clima simbolista, em muita coisa precursor do Modernismo (pelo menos de uma ala, como se sabe). É o caso de "In Solitudine", com seu jardim ensombrado, incenso em espirais, prece, e mais esse corpo-lírio florescendo. "Sobre um Prelúdio de Chopin", vazado igualmente em versos decassílabos, mais se distancia da escola dominante então, o Neoparnasianismo, e lembra, ao contrário, aquele penumbrismo que enforma inúmeros poemas de Ribeiro Couto e de Olegário Mariano, no que eles têm de mais crepuscular; note-se a liberdade no emprego da rima, notadamente na derradeira estrofe. O "Canto do Peregrino", que a princípio promete certo polimetrismo, abriga versos alexandrinos e decassílabos em sua maioria, não desdenhando a rima; às vezes lembra versos de Mário da Silveira, que entretanto foi mais renovador em seu tempo.